

## I

Era um ruído surdo como o dum trovão distante; ruído de feragens abaladas, também. Ela ficou um tanto hirta, quieta, a cabeça voltada para o lado da vila, cheia dum vago terror que vinha de longe, dos seus tempos infantis, assombrados por fantasias medonhas, encrustadas na simplicidade da natureza. Tinha sido um dos seus papões de menina, o comboio que rodava agora pela ponte fora, num contente barulhar; sentia ainda essa influência em nervos causticados quando, vindo do Sul, apercebia o silvo, estribilho que o maquinista combinava para avisar a mulher, uma escanzelada que corria ao apeadeiro, melenas soltas e gestos de doida, a recolher as achas prodigamente dispersadas na linha.

Um fumo muito ténue, trazido pela brisa, pairava sobre o pinheiral; o sol no declínio batia na parede fossada pela mina, consolando lagartixas palpitantes, fazendo rebrilhar a mica ensombrecida por morangos-bravos.

A rapariga voltou-se. Pigarreou, cuspiu nas mãos, agarrou de novo com sanha no cabo do sacho. Mas não cantou. Pensava. Há muito e pouco tempo que pensava. Mirou as palmas da margem do ribeiro, que dançavam numa cadência lenta, os frágeis dentes-de-leão que a aragem encalvecia.

— És gentil, Ana... Flexível como uma palmeira. — Disse-lho ele.

Uma palmeira?! Nunca vira nenhuma! Bem bonita seria, própria para empregar num madrigal; e inchou de orgulho, rindo até,

devagarinho, divertida com uma ideia confusa, não de todo aprazível não de todo desagradável. Encostou a face ao esteio da ramada e teve uma expressão delicada, levemente sonhadora; a água saía em cachão pelo orifício da presa que destapara e enchia o rego até às bordas, banhando-lhe os pés não muito curvos, caalejados sem deformidade.

— E nunca mais o vi! Nunca mais o vi... não. — Corou. Reviu o passado; reviu-se pequenota, desengraçada, uma fieira de dentes tortos roendo maçãs bichosas. Tinha uma irmã moribunda, ainda sem certidão de baptismo, uma mãe desleixada de seio mirrado; e ela pedia esmolos de pão bolorento e batatas grelhadas, muito instruída na sua lamúria matreira. Depois, havia transacções, quartos de café, um torrão de açúcar e fome; fome havia sempre.

— Nunca mais o vi! — Era o José Maria, do Casal. E o Casal era para além do mosteiro, uma quinta esplendorosa de bons pastos e grandes originalidades: ia lá todos os dias, todas as tardes, assim pelo crepúsculo; via mungir a vaca turina, a *Pimpona* que ruminava, paciente, atada a uma argola pelos chifres curtos; comia castanhas secas, sentada na terra esbranquiçada das esplanadas. As pernas cruzadas como uma pequena muçulmana ou balançando-as do alto dum banco de carpintaria arrumado sob a tenda de ramos de eucalipto. Ah! O Casal! Lembrava-se... A criada velhota que afugentava os podengos escaldando-os, praguejando, como bruxa de conto fantástico; os portais de pesadas aldrabas, os jardins petrificados em abandono e desmazelo!... Lembrava-se...

E pôs-se a alvejar o alambique derruído, com pedacinhos de telha defumada.

Lembrava-se tão bem! A Maria José... O menino... Via-os no serão, nas férias; havia animação desusada pela alameda, bicicletas, bolas de couro e borracha, uns patins velozes no cimento do pátio, tombos, correrias e gritos; havia um baloiço pendente dum trave, um bamboar vertiginoso, umas pernas atiradas pelos ares; havia atracções dum parque de recreios, prazer da vista, impotência da vontade. E ela, a Ana, no fascínio do espectáculo gratuito e doloroso, saía de casa mais cedo, sem o palratório cos-

tumeiro com vizinhas que voltavam da aula, espancando-se com as sacolas, entre risadas disparatadas e cantigas sem rima.

— Minha bichana enfarruscada! Ora viva, minha gatinha! — E o José Maria, muito garoto, perverso, pulava do cimo da escadaria, afundando-se até às canelas na alfombra de tojo, do quinteiro. Depois era uma longa odisseia angustiada, encantadora; falsas camaradagens, indulgências, pequenas comédias em busca de ridículos, de insipiências, acanhamentos, diversão.

— Anda... anda comigo... — Levavam-na pela mão, muito depressa, fazendo-a tropeçar nos móveis, propositadamente, escorregar nos encerados, nas lajes húmidas, lodosas, na passadeira do corredor. E era uma interminável exibição de preciosidades, brinquedos assustantes, de corda roncante, bonecas de serrim, os olhos fixos, contas de vidro de cores impossíveis, um piano de cauda revestido de túnica abotoada, debruada a vermelho.

— Isto, vês? Não toques... não mexas... tira as mãos... E que mãos sujas tu tens! — E a Maria José indicava, avisava, numa ironia, numa soberba de pequeno monstro caprichoso.

— A fidalga... Ah! A fidalga! — Vozita mimalha, imperiosa: «Vem, olha, larga... vai-te embora... espera...» Que peste! Bem a morderia, agatanhando-a no regalo das suas unhas depreciadas e vingativas! Tinha medo de o pensar, a Ana. E sorria, e calava-se e obedecia; um tanto imbecil, de abruptas indagações e respostas sem jeito, era um monopólio feroz dos dois irmãos que se digladiavam pela conquista absoluta daquela companheira maravilhosa.

Em geral, vencia a Maria José, mas não era a preferida.

— Santo Deus! Se eles se pareciam! — E pareciam mesmo; menos física que moralmente, até, pareciam-se. Ele era vivo, de súbitas e doentias ternuras; trazia-lhe pastéis polvilhados de pimenta, observava a sua careta compungida ao mastigar a massa fofa, aguardava uma beíça tremente, umas pupilas aquosas; e pedia-lhe, de manso, uma súplica quase, travando-lhe dos braços, para chorar. Não chorava, ela; nunca chorava. Despertava em si um sentimento sensual e terno, ante uma frase meiga, ímpetos de revolta se lhe açulavam um *terrier* brincalhão, se riam

dos seus propósitos aflitos, a vasilha do leite segura pela asa, tropeçando em pequenos calhaus, o cachorrinho em sua perseguição, rebolando-se pelas ribanceiras, até alcançar a orla da sua saia de chita.

— Há tanto tempo já... Fidalgos de má morte... — Apertou os punhos instintivamente, uniu o busto com força ao esteio de lousa; o rosto erguido para o lado do monte que a noite próxima escurecia; o arco das sobranceiras bem desenhado, pensava. Um moço, sachola ao ombro, as fitas das ceroulas atadas nos joelhos ossudos, passou ao fundo, devagar, como um comparsa junto a um cenário. Mas ela não lançou uma cantiga, um brado, um cumprimento, num desafio. Pensava. — Fidalgos de má morte! — Havia uma exceção; bem sabia que sim. Mas não aquela Maria José criança, esguedelhando-se em crises de epilética em perriças tremendas; nem a adolescente, grandes ares desinteressados, presunções de cultura e superioridade; nem a casada Maria José, a espalhafatosa, leonina, visão de arroubamento para nativo da Polinésia; nem a última Maria José, a edição última duma Maria José divorciada, apresentação de cuidada simplicidade, *coquette* resignação. Nenhuma dessas... Mas havia uma exceção.

— Ela é uma fedúncia. Que raio de criatura! — Pela sesta virava-a. Passara pelo milhal, surgira lentamente como se estranhamente fosse crescendo, saindo aos poucos do solo enterroado, de gretas abertas como bocas sequiosas. Os braços estendidos, a fronte alta, ia afastando a bandeira áspera da seara; e apercebia-se como se o entoasse num hino, a sua perene ânsia de fazer efeito, o desejo da actriz que mendiga aplausos.

— Adeus, rapariga... Deus te guarde. — Tão simples, tão fora de uso, tão assombroso como uma oração num salão de baile. E a Ana encavacara. E a outra lá foi, um chapéu de palha grossa enchendo-lhe a face duma sombra violeta, mais clara no pescoço, no decote, sobre o ombro redondo e levantado; pálida, os cabelos escorridos somente frisados nas pontas com um triste aspecto de lã chamuscada, a boca rosada ao de leve, não era bem a Maria José doutras eras, farfalhante, vistosa, terrificante. Mas o modo era o mesmo; o mesmo modo raivoso, de cão agarrado ao seu

osso, igualmente, o mesmo aquele corpo forte, as linhas duma Ceres um tanto adiposa.

— Pois, rala-te, que não te ligo nenhuma! — Num alarde de indiferença sofreara ímpetos de interromper o serviço, de se voltar, a mão em pala contra a luminosidade crua, a fisgar aquelas espáduas poderosas ondulando além entre o mar de espigas maduras. Saltara para o rego escavado, a Ana; e toda azafamada pusera-se a construir um dique de lama e areia contra a água que transvazava em espuma pegajosa e amarelada como baba. Depois, subia, enxugara as pernas ao saiote, pregara o olhar num vimieiro, observatório dum saltão gigante. E sismara. Nada como o irmão. Nada como ele! Teve um gesto requebrado; e, muito teful, foi mirar-se no poço, achatando o peito contra o lavadouro áspero. Mas só pôde ver um vago contorno e a sombra dum girino que esbatia mais esse contorno. Molhou as palmas das mãos, passou-as pelos cabelos escuros, quebrados, de tons de mel nas pontas mais curtas; despenteou-se, penteou-se, coçou a caspa com os ganchos, sorvendo o ar, arrelhiada, se se arranhava.

Cerrava-se a noite sobre a natureza, suspiro de melancolia e cansaço; ouviam-se gritos estridentes chamando as gentes para a ceia, gado aos redis; o verde-negro dos pinheiros destacava-se em recortes no céu ainda claro; nuvens corriam do levante, impedidas por ventinho fresco que agitava a folhagem das latadas.

A rapariga recolheu o sacho, os socos; e foi subindo a rampa de marginais tufos de urtigas, margaridas matizadas de rosa. E antes de chegar à eira, vasta, limpa, ardente como um rescaldo, deu volta pelo pomar onde apanhou do chão algumas maçãs verdes e arejadas; duma rama um pouco alta, um pêsego penugento, contas de resina aderidas, um belo aspecto de cútis infantil. E foi abafá-lo sob o travesseiro da enxerga, pondo mil precauções no abrir da porta do cubículo, que rangia, denunciadora, nos seus gonzos mal lubrificadas.

— Até logo... Aqui ficas, até logo! — Era gulosa. Gulosa até ao vício, até ao furto. Despendia dinheiro da soldada em bolinhos de amor que comprava nas feiras aos meios quilos, exigindo migalhas, toda atenta à exactidão do peso; e comia-os altas horas,